



HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA

**“Dar visibilidade e legitimidade  
à produção de fronteiras foi o que mais me moveu  
politicamente nesses 50 anos de carreira”**

Nesta entrevista concedida a **Ieda Magri**, a editora, curadora do *Portal Literat* e professora titular de Teoria Crítica da Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ – onde coordena o Programa Avançado de Cultura Contemporânea e a Biblioteca Virtual de Estudos Culturais – fala-nos da implicação da cultura com a literatura, mostrando como o fenômeno da internet vem reconfigurando e expandindo a atuação de autores e críticos.

Com a acuidade de análise que marca sua carreira, Heloisa mostra alguns traços característicos da produção dos autores formados sob a lógica interativa e descentralizada da web. Enfrentando a questão das diferenças entre literatura masculina e feminina, ela nos convida a conhecer obras femininas que se destacam justamente por colocarem em xeque uma cultura que, ao incluir a mulher, põe no mercado seu estereótipo. Interessada sempre na produção atual – tanto da web como das periferias –, Heloisa afirma que não é por maldade que poucos editores investem na publicação de novos autores.

*É possível fazer uma cartografia da literatura contemporânea? Existem algumas especificidades estéticas capazes de definir essa produção?*

Com a entrada da internet na “vida da literatura”, das formas digitais de impressão e acabamento de livros mais baratas e ágeis

e com o tsunami da periferia afirmando uma nova dicção literária, não há como continuar trabalhando com o mapeamento clássico que informa a historiografia literária. Essas alterações emergentes são muito novas e desconcertantes do ponto de vista dos modelos canônicos vigentes para a literatura, mas, não tem jeito, temos que enfrentá-los se não quisermos perder o bonde da História.

*Se uma das características dos jovens poetas e ficcionistas atuais é terem nascido (ou sua literatura) na internet, especialmente com a publicação de seus escritos em blogs, você acha que ela redefine a literatura atual?*

Ela certamente não redefine a literatura atual, mas expande o campo de atuação e criação do autor e disponibiliza para o escritor jovem (ou não tão jovem) modos e lógicas diferenciadas de criação, produção, divulgação e comercialização dos produtos literários.

*Você tem se dedicado à criação de um acervo documental sobre a produção das minorias, os Arquivos de Cultura Contemporânea, um dos projetos do Programa Avançado de Literatura Contemporânea (PACC) que você coordena na UFRJ. Qual a implicação política de se fazer um levantamento da produção das minorias ou que se ocupe de sua representação na literatura e na mídia, e em que medida ela pode contribuir para a formação de um novo ponto de vista sobre a História?*

Essa pergunta me deixa meio com vergonha de ser cabotina, porque acho que isso é minha contribuição mais importante para

a área de letras. Desde 1970, minha preocupação central foi em torno do trabalho com a literatura marginal (ou contracultural), passando pela literatura de mulheres, pela literatura negra e, agora, me dedicando ao mapeamento da produção na internet e nas periferias e favelas. Revisitando essas escolhas, acho que minha carreira valeu a pena. Dar visibilidade e legitimidade à produção de fronteiras foi o que mais me moveu politicamente nesses 50 anos.

*Você acha que há padrões estéticos que apontem para uma diferença entre a escrita feminina e a masculina?*

Essa pergunta é terrível. Dizer que não há diferença é estar mentindo, mas afirmar essa diferença é complicado. Certamente a diferença entre homens e mulheres não é essencial ou biológica. A diferença vem de uma estrutura cultural que manteve as mulheres sempre distantes do poder, da vida pública e do mercado. Sendo assim, elas desenvolveram estratégias de sobrevivência como a sensualidade, a delicadeza, o desempenho afetivo, a dita “sensibilidade feminina” ou “inteligência emocional”, as quais, originalmente um processo de inclusão cultural, sem dúvida foram linguagens eficazes para a realização de suas demandas mais imediatas. O que não se esperava é que essa capacidade gerencial e de conflitos desenvolvida pelas mulheres virasse um item de luxo na nova lógica empresarial da globalização. Nesse momento, a linguagem dita feminina ganha um bom preço de mercado... Na literatura e nas artes, as mulheres estão começando a trabalhar essa diferença como estereótipo. Com resultados fantásticos. Vide a poesia de Bruna Beber, a prosa de Andréa del Fuego e de

Cecília Gianetti, a escultura de Cristina Salgado ou as pinturas de Adriana Varejão.

*Pensando que a geração que estreou na poesia em 70 está agora com uma produção madura e lida, haveria hoje uma outra poesia jovem que dela se diferencie?*

Claro que sim. E foi a internet que estabeleceu essa diferenciação. A produção daqueles que se formaram já sob a lógica interativa e descentralizada da web. Vemos uma nova capacidade gerencial de múltiplas atividades, uma tendência de expansão de capacidades de percepção e de surgimento de novas lógicas de articulação. A maioria dos poetas que está surgindo denuncia em seu texto alguns desses traços, como: a articulação de atividades diferenciadas, o deslizamento entre gêneros e mídias, a experiência com as possibilidades abertas por mecanismos de navegação como a presença de múltiplas janelas, seu potencial de articulação, o aprofundamento vertical do hipertexto, além de uma sensibilidade colaborativa latente. Apesar de não evidente à primeira leitura, uma observação mais focal vai mostrar um diferencial efetivo nesses jovens poetas.

*É possível ler a produção contemporânea como um todo que abriga diferenças ou só é possível a crítica obra a obra?*

Acho que um projeto crítico tem mil possibilidades de ação e criação. Uma abordagem cultural opta sempre pela visão mais contextual e de conjunto da produção de um dado momento. Enquanto que uma abordagem que privilegie o específico literário

vai trabalhar obra a obra de forma mais analítica. Uma não necessariamente é melhor do que a outra. Vai depender de cada crítico, de suas paixões, seus subtextos políticos e do seu projeto de intervenção nos processos criativos e produtivos em curso em sua época.

*A literatura mudou de função? Ainda é possível falar em função da literatura?*

A literatura não mudou de função. A literatura, como a própria cultura, expandiu-se de forma inédita e desdobrou-se em diferentes usos, projetos e recursos. Chamo a isso de as novas práticas literárias, que, entre outras, inclui a literatura como é vista tradicionalmente na série literária.

*Na Aeroplano você se dedica, entre outras publicações, à edição de Tramas Urbanas, que traz em seus títulos as vozes dos que estão à margem (da cidade, do cânone, da chamada alta cultura) mas que, demarcando seu território, se colocam no centro (da mídia, da moda, por exemplo). Desde o início de sua carreira você se afirmou interessada pelo que é marginal, reconhecendo ali uma força geradora autêntica. Você acha que é dos chamados autores marginais de hoje que pode vir uma renovação literária?*

Isso é meu sintoma, chamemos assim. Minha atuação profissional foi sempre de aposta e risco. No momento, minhas fichas estão todas na periferia e na web. Vamos esperar o resultado do jogo.

*Quais os principais desafios para a edição de novos escritores no Brasil de hoje?*

Nosso mercado editorial não é um mercado forte. Nossa cultura de leitura, em escala, menos ainda. Para a edição de novos autores uma editora tem que ter um catálogo com um lastro razoável. No nosso caso isso ainda é raro. São muito poucos editores que podem arcar com projetos de risco. Portanto, o desafio é econômico, não literário. Não é certamente por maldade ou omissão que poucos editores se dedicam a esse nicho de publicação.

*A partir de 2008 o Portal Literal se transformou, de revista literária que era, em site colaborativo no qual leitores de todo o mundo podem postar vídeos, ensaios, resenhas, entrevistas. O que a levou, como curadora, a torná-lo coletivo?*

Comecei a me sentir mal com a centralização da palavra que a editoria de uma revista define. Num ambiente como a internet, no qual o grande avanço é o potencial de interação, formação de redes, autorias compartilhadas e muito mais, a ideia de uma revista tal como as de papel impresso é anacrônica. Assim que me caiu essa ficha, reformulei o *Portal*.